

# escrevo para não morrer(mos)

*r a p h í s s i m a*

los vislumbres de tradição e/ou modernidade, ao ousado empenho das menores que emulam tais identidades. Por sua vez, singelos mas notáveis são os maços de cigarro contrabandeado e a publicidade anti-fumo em línguas latinas, pincelando a presença da indústria tabagista no solo latino-americano e seus efeitos sócio-econômicos. No fundo de tudo isso, um tom jocoso - ou tragicômico - gerado pela repetição constantemente reorganizada e por vezes banalizada em nossa memória iconográfica.

Entre tragos, recortes e cola, deslizo em meu infinito fumódromo particular, esperando que o fantasma de algum teórico não ressuscite para dilapidar meu consumo. “É para ser estimulante ou não?”, uma amiga me perguntou. Na dúvida, que não soube responder nem para ela nem para mim, sigo no pito e nas colagens.

desde as pontas dos dedos, a câimbra em cada massa de corpo, ora o sangue ralo ora viscoso, sobe em tempestade e abrasa a testa. ecoa nos olhos o temeroso ardor do sal recém caído, desconta em peso a pálpebra alagada, assanha o rubor mal recebido, expõe em vergonha a vontade que resta. o pescoço em frequência retorce engata tropeça engole rigorosa permanência, desce a coluna, o osso sobressaltado, revira o verso, invade com desprezo solitário, toda coisa descansa a contento do breu e uma fome sem rimas alastra pelo peito da mão, espalma digitais calejadas, as beiras das unhas, as marcas golpeadas. você olha para o pulso, as veias saltando, correndo pelo antebraço, o músculo sem exercício próximo aos ombros, as bochechas e os seios moles, uma dormência extravasa a pele sobre o estômago inchado. as costelas oscilam na falta do ar que se supunha, no fundo do mundo sem nome irrompe um medo dedicado, o ventre você não sabe se é cólica ou frio ou sangue arriado. põe-se sobre as coxas reduzidas e cheias de manchas, a carne roxa insiste latejar ponto a ponto costurado e sobrecarrega os joelhos em frêmito contínuo, bambear sedento de estabilidade à inviolável dor que situa no semterpraondeir

das pernas e os pelos arrepiados. a febre dos dias vigora o fungo dos pés, atravessados. quentura de dar quebranto quando os dedos tortos reforçam o som do estalo passo a passo. à espera, o tempo. o presente apegado à transição das superfícies, as falanges entremeiam-se no enlanguescer do contato, corrói em pira o dom astuto da espera, hesita a prosa, recebe a prece, emana o vapor sagrado da indignância e, descalço, acolhe o sopro roto da ventania. voz cotidiana, retina retida, rotina contida no incômodo sem ar. a cutícula é fina, e resiste à solidão. protege a pegada das pedras do meio e contenta-se a todo revés recaído sobre o amanhã.

enquanto escrevo, o mundo parou. e parte dele morreu. outra parte está doente, ou infectada por vírus ou por depressão ou por ansiedade ou porque não está indo às compras. eu escrevo, minhas doenças declaro ao papel.

o título do poema é trovão. primeiro ouvi o estrondo do vírus lá pra baixo, quando chegou pela amazônia é que eu senti o raio me queimar o couro. no corpo, o medo. não de morrer, mas de não ter chance a vida. trovão é raio me queimando por dentro.

respeitem as nossas cosmologias. nós sentimos diferente. quem me deu a origem vem de longe, superando porões, recebendo caruanas. não há cura sem fricção com a vida. já quase sinto o roçar de mim com o tempo. de novo.

*(micropoética de mim, 27/mar, pandemia, quarentena, inverno em belém, início de tudo).*

**(Raphaella Marques)** é artista negra macumbeira, criadora de Afrografias Urbanas. Explora as possibilidades da palavra-imagem e suas superfícies. Como o papel, a pele do corpo e da cidade. Fazendo atos poéticos e interferências urbanas e insulares. É pesquisadora independente em Arte e Poéticas Ancestrais.